

## Entre Paris e a aldeia

Carro alugado só para a viagem de férias que em Paris não há estacionamento e o automóvel não faz falta. Lágrimas à despedida da aldeia. Não que o regresso seja indesejado.

A ?terrinhã? no fim de Agosto já cansa. E lá, na França, ganha-se melhor. ?Nas tarefas, *bon*, mais básicas, *oui, mais...* para os jovens que saem das universidades também está mau *hum!*? Por enquanto, ainda é no ordenado de *femme de ménage* que Maria pensa quando faz as malas para o regresso a Paris depois das férias de Verão. Como porteira ? ?um emprego tipicamente português?, como não esconde Maria ? pode-se ganhar 400 euros e ter casa, água e luz incluídos. Uma boa ajuda para um início de vida. Tomar conta de crianças, como faz uma prima sua, é mais uma tarefa a acumular à de lavar as escadas e guardar as encomendas dos inquilinos. Porque a profissão de porteira não ocupa as horas todas do dia. ?*Bah! Oui*, e com os dois empregos é possível trazer para casa uns 1200 euros por mês. Um bom salário para uma mãe de família...?, constata Maria. ?Aqui em Portugal nem um homem ganha tanto, *c'est vrai, hum!*?

Maria e o marido. O irmão do marido de Maria e a esposa. A prima de Maria e o marido. O compadre do irmão de Maria e a esposa. Os tios, primos, afilhados. De geração em geração todos emigraram. Ajudando-se uns aos outros. Para trás ficaram os pais. Não esquecidos. Apenas ficaram no sítio onde sempre viveram. Até que morreram. E as casas de pedra foram ficando vazias. Os campos de cultivo abandonados. *A vinha cresce selvagem, na época em que a terra manda, e seca antes da poda, indiferente à vindima*. Quem ficou diz ter resistido. Quem partiu diz ter tido coragem. O trabalho na França, sobretudo para a primeira geração de emigrantes, foi duro. Ainda é. ?Mas, *bon*, a coisa marcha?, despacha Maria. ?Está-se melhor lá que aqui, *hum!*?

Houve tempos em que a viagem da aldeia a Paris durava dois dias. Na altura em que Daniel regressava com a esposa e as duas filhas ainda pequenas. A estrada agora pertence ao seu sobrinho. É ele quem coloca o cinto aos filhos no banco de trás. A viagem demorará cerca de 15 horas. Dão-se os últimos abraços. Soltam-se as lágrimas à ?sobrinha?. À ?tia?, por afinidade, também. ?O que custa mais é entrar no carro?, recorda Daniel procurando com os olhos a confirmação da esposa. Esta acena que sim com a cabeça enquanto abraça a ?sobrinha?. Os miúdos sabem que vão para casa. A miúda está contente. O miúdo triste. ?Ele passou cá dois meses com a avó?, comenta a mãe para explicar a tristeza do rapaz: ?Brincou, correu, saltou e agora não queria ir embora. Em Paris não tem tanta liberdade. ? Os braços cruzados e a cabeça baixa para esconder a cara de choro, são as saudades antecipadas dos montes e dos passeios de bicicleta. Talvez o miúdo pense na sorte do seu primo português cujos pais não imigraram.

Assim que entrava no carro, Daniel só pensava na viagem. ?Pedia a Deus que me guiasse pela estrada e arrancava sem olhar para trás!? Dessas memórias recorda uma viagem em particular. Aquela onde no leitor de cassetes do carro passava a fita do grande êxito da época: ?Un canto a Galicia?, do cantor Júlio Iglesias. ? Lembras-te, quando saí essa cassette?, pergunta Daniel à esposa. Idos anos 70. ?Viemos o caminho todo de Paris aqui a ouvi-la e a mudar de lado a ouvir e a mudar de lado.? *Eu queroche tanto/ e ainda non o sabes.../ Eu queroche tanto/ terra do meu pai/ Quero as tuas ribeiras/ que me fan lembrare/ os teus ollos tristes/ que me fan chorare/* Ela sorri: ?Claro que me lembro, no lado B tinha aquela música a Manuela!?

Deixou a terra do pai aos 19 anos. Três dias de fome até passar a fronteira, clandestinamente. Adeus ao país de Salazar e a uma vida onde o único emprego possível era no campo. Daniel já não é emigrante. O regresso à aldeia deu-se aos 18 anos da filha mais velha. O ciclo completou-se. ?Agora vou a Paris de visita!? Outros como Maria ainda lá têm o trabalho à espera.

?Lá os portugueses são vistos como um povo trabalhador, não sei por quê aqui não são?? A estranheza na cara de Maria. Como se um mesmo povo pudesse agir de maneira diferente dentro e fora do seu país. Mas também na França o seu trabalho nas limpezas está ameaçado, acaba por confessar. Os direitos adquiridos no *métier* caem ao sabor da deflação de ordenados cobrados por uma nova vaga de imigração proveniente dos países de Leste. ? Sujeitam-se a trabalhar por oitos euros e estragam a vida à gente que está a trabalhar por 10...? *Voilà! C'est dur, hum!*

Mas é Agosto e as aldeias do concelho enchem-se com a sua gente. A da França e a de Portugal. São as ?Festas da Vila?. O cartaz é preenchido com noites regionais. Fados a puxar a lágrima. Ranchos e folclore para dar uma cor nacional ao ambiente. Farturas. Algodão doce. Rompem o quotidiano. Os primos franceses conhecem os portugueses. Vêm-se os parentes. Os compadres. Os irmãos. As avós. Os pais. É tempo de esquecer as amarguras. Dos que ficam e dos que partem também.